



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## FESTA DE SÃO BARTOLOMEU: RELIGIOSIDADE, TRADIÇÃO E TERRITÓRIO.

Hellen Mabel Santana Silva <sup>1</sup>  
([hellenmabelss@gmail.com](mailto:hellenmabelss@gmail.com))  
Eduardo Oliveira Miranda <sup>2</sup>  
([edu-olliver@hotmail.com](mailto:edu-olliver@hotmail.com))

### **Resumo:**

As festas religiosas são históricas e encontram-se em todas as culturas ao longo dos tempos devido a necessidade inerente ao ser humano de crer numa força superior. Segundo Ferreira (2009) as festas religiosas configuram-se como uma das mais antigas manifestações da vida social no Brasil, representando os valores, reforçando as estruturas sociais e construindo a identidade de um grupo. A partir de tais reflexões surge o objetivo central do presente trabalho: analisar a festa de São Bartolomeu que acontece na cidade de Maragogipe – Bahia destacando os territórios religiosos que a mesma possui desde a sua origem até os tempos atuais. A comemoração em homenagem a São Bartolomeu acontece ao longo do mês de Agosto e é responsável por uma completa reorganização do espaço urbano em torno das procissões, lavagens, novenários, torneios e celebrações pelas ruas do município. A festa também é marcada pela diversidade de grupos religiosos que depositam no festejo significados distintos. De um lado, a igreja católica e seus adeptos, que defendem serem os legítimos organizadores da festa. Do outro, os adeptos do candomblé que creditam fé e devoção ao santo e também se reconhecem como organizadores e participantes dos festejos. Assim, formam-se verdadeiros territórios religiosos onde cada grupo pautado na tradição, fé e devoção convivem num mesmo espaço e disputam legitimidade.

**Palavras- chave:** Festa, tradição, religiosidade, território.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

## Introdução

As manifestações culturais são acontecimentos encadeados na memória coletiva de uma localidade. A permanência de cultos pautados na fé sugere a resistência das tradições culturais frente à modernização da vida urbana, à cultura de massa. As festas religiosas são históricas e encontram-se em todas as culturas ao longo dos tempos devido a necessidade inerente ao ser humano de crer numa força superior. Geertz (1989), sustenta que as religiões com suas dramatizações auxiliam as pessoas a encontrar ânimo e motivação, respostas e esperanças perante situações de sofrimento, insegurança, perdas e afins. Nesse sentido, o lugar sagrado é dotado de significação posto que abarca todos os caracteres que fundamentam a religião. Para Maluf (2001) e Amaral (2000), as festas religiosas fazem parte da vida dos brasileiros caracterizando-se como momentos em que acontecimentos bíblicos são lembrados, revividos renovando tradições. Ou seja, o momento da festa torna-se único, especial por possibilitar aos que dela participam um reencontro com a crença. Segundo Ferreira (2009) as festas religiosas configuram-se como uma das mais antigas manifestações da vida social no Brasil, representando os valores, reforçando as estruturas sociais e construindo a identidade de um grupo. O culto a São Bartolomeu teve seu início por volta do século XVII, com a construção de uma paróquia em homenagem ao santo que, em meio a processos históricos se tornou padroeiro do município. A comemoração em homenagem a São Bartolomeu acontece ao longo do mês de Agosto e é responsável por uma completa reorganização do espaço urbano em torno das procissões, lavagens, novenários, torneios e celebrações pelas ruas do município.

A festa é marcada pela diversidade de grupos religiosos que depositam no festejo significados distintos. De um lado, a igreja católica e seus adeptos, que defendem serem os legítimos organizadores da festa. Do outro, os adeptos do candomblé que creditam fé e devoção ao santo e também se reconhecem como organizadores e participantes dos festejos. Assim, formam-se verdadeiros territórios religiosos onde cada grupo pautado na tradição, fé e devoção convivem num mesmo espaço e disputam legitimidade. No presente trabalho analisa-se a festa de São Bartolomeu que acontece na cidade de Maragogipe – Bahia destacando os territórios religiosos que a mesma possui desde a sua origem até os tempos atuais.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

## **Festa e Religiosidade: uma breve apreciação.**

As festas figuram como manifestações culturais de veneração religiosa, política ou folclórica que ao longo do tempo passaram a se caracterizar como ferramentas de diversão e dinamização da economia dos lugares, atrelando lazer e diversão a movimentação de capital, já que conseguem atrair turistas.

Canclini (1983) caracteriza as festas populares como extensão e reprodução das relações de desigualdade existente no seio da sociedade capitalista. Ou seja, na festa as desigualdades são reproduzidas, vivenciadas. Se de um lado há o espetáculo, do outro há o embate de classes, de vivências e crenças. Para Canclini (1983):

A festa continua a tal ponto, a existência cotidiana que reproduz no seu desenvolvimento as contradições da sociedade. Ela não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada, porque não é apenas um movimento de unificação coletiva: as diferenças sociais e econômicas nelas se repetem. (CANCLINI, 1983, p. 55)

As festas demarcam um fazer coletivo que rememoram tradições ou espetacularizam culturas representando um momento oposto à rotina dos sujeitos, uma vez que nela é possível celebrar as identidades. Para Duvignaud (1983) a festa, assim como o transe, permite às pessoas e às coletividades sobrepujarem a “normalidade” e chegarem ao estado onde tudo se torna possível porque o indivíduo, então, não se inscreve apenas em sua essência humana, porém em uma natureza, que ele completa pela sua experiência, formulada ou não.

As manifestações culturais são acontecimentos encadeados na memória coletiva de uma localidade configurando-se como espaços de sociabilidade entre aqueles que a vivenciam. Contudo, a festa é também lugar da diferença, do embate. Seja de caráter profano ou religioso – no caso da festa em questão, caracterizada pelos dois lados – o festejar tem no seu bojo o momento de reunir as diferenças.

A permanência de cultos pautados na fé sugere a resistência das tradições culturais frente à modernização da vida urbana, à cultura de massa. No Brasil as festas em devoção aos santos permanecem atraindo multidões que chegam de diversas partes do Brasil movidos pela fé. Segundo Martins e Leite (2006), nas celebrações de cunho sagrado é possível visualizar a junção entre o religioso e o cultural de um povo, uma vez que no festejar os sujeitos imprimem

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

as suas identidades e /ou as recuperam. O sentimento de coletividade também surge em meio à festa uma vez que os indivíduos sentem-se ligados uns aos outros pelo fato de comungarem da mesma fé.

Acreditar numa força superior pauta-se como uma necessidade inerente ao ser humano, algo que carregamos até mesmo inconscientemente e que está atrelado à nossa própria cultura. Geertz (1989, p.140), afirma que “[...] as religiões com suas dramatizações auxiliam as pessoas a encontrar ânimo e motivação, respostas e esperanças perante situações de sofrimento, insegurança, perdas, paixões, aflições e tristezas que a vida cotidiana apresenta”.

Entendemos por fé o mesmo que Abbagnano (2004, p.431), “[...] crença religiosa, como confiança na palavra revelada”. E conclui: “[...] enquanto a crença, em geral, é o compromisso com uma noção qualquer, a fé é o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade.” Com isso, tem-se a fé como algo extremamente espiritual, que só consegue sentir aquele que acredita e vive aquela realidade.

A festa de São Bartolomeu configura-se como uma festa de largo que tem como ponto principal um templo, no caso, a igreja de São Bartolomeu, mas que não se findam nele. O largo configura-se como o espaço fronteiro à igreja que é moldado com signos festivos característicos do festejo.

As festas de largo caracterizam-se justamente pela presença do sagrado e do profano. De um lado, o templo, as normas, a discricção e cautela. Do outro, a informalidade, a irreverência, o “pecado”. Esses dois mundos convivem de forma harmônica ou não, sustentados pela crença que, possibilita a permanência da tradição ao longo dos tempos.

Nesse sentido, o templo é o lugar do divino e a rua o lugar da intimidade, da aproximação dos indivíduos e de suas posturas. Na rua a informalidade é possível, uma vez que ela representa a liberdade que não caracteriza o templo.

Segundo Serra (2000) uma das características mais importantes das festas de largo é que elas são interpretadas e vividas à luz de diferentes perspectivas religiosas – segundo crenças, valores, doutrinas e símbolos diferentes em sua origem, mas que se combinam aos olhos de expressivos segmentos da população.

Dessa forma, é possível perceber nas festas de largo os mais diversos grupos religiosos disputando o espaço e imprimindo no mesmo suas tradições e intencionalidades, o que torna tais festejos essencialmente multiculturais , dotados de significações que incidem no sincretismo que os caracterizam.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pos graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pos graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

## **Festa de São Bartolomeu: territorialidades religiosas.**

A festa de São Bartolomeu tem sua origem datada no século XVII, com a construção de uma paróquia em homenagem ao santo que, em meio a processos históricos se tornou padroeiro do município. Na época o catolicismo era a única religião vigente, o que tornava a igreja a instituição responsável por gerir e controlar as estruturas sociais, além de disseminar a crença católica de forma ostensiva.

Segundo Santos (2008) somente em 1937, quando a rádio Sociedade da Bahia divulgou a grade atrações da festa houve a inserção de novos códigos na festividade e uma maior visibilidade do evento, assim como uma transição entre antigos hábitos e posturas para perspectivas mais modernas. Ainda segundo a autora, os jornais da época se limitavam a exaltar a religião católica, desprezando a existência de qualquer outra manifestação religiosa, assim como não citavam as manifestações ocorridas no largo. Ou seja, o profano era desprezado por destoar do caráter essencialmente religioso e pautado em normas que constituía a festa.

Ao longo do mês de Agosto o culto a São Bartolomeu é pensado e organizado pelo poder público municipal, assim como pelos devotos do santo padroeiro. O governo municipal tem papel preponderante no que cerne a organização e captação de recursos para festa que persiste enquanto tradição mesmo com o passar dos anos.

A comemoração em homenagem a São Bartolomeu é responsável por uma completa reorganização do espaço urbano em torno das procissões, lavagens, novenários, torneios e celebrações pelas ruas do município, atraindo um contingente de turistas de várias partes do país. Para além disso, durante o mês de Agosto os moradores do município, ainda que não devotos, tem suas rotinas modificadas em virtude da manifestação.

Em meio a fé e aos festejos configura-se a diversidade de grupos religiosos que depositam no festejo significados e intencionalidades distintas. De um lado, a igreja católica e seus adeptos, que defendem serem os legítimos organizadores da festa desde a construção da paróquia. Do outro, os adeptos do candomblé que creditam fé e devoção ao santo e também se reconhecem como organizadores e participantes dos festejos. O sincretismo que caracteriza a festa é responsável por uma verdadeira territorialização do espaço do município.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbienta do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbienta do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

A fé que une os sujeitos também os separa na medida em que cada grupo busca galgar o seu espaço na festa e na sua organização.

Segundo Rozhental (2005)

a territorialização religiosa é uma estratégia de poder e manutenção independente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter meramente quantitativo do agente dominador. A territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação, uma estratégia de controle. Torna-se importante compreender o fenômeno religioso neste contexto, isto é, interpretar a “poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus”

O território religioso configura-se como um instrumento carregado de significados e símbolos que se origina da apropriação por parte de um grupo. Ou seja, a Igreja Católica assim como os adeptos do Candomblé disputam o território imprimindo no mesmo seus signos e intencionalidades que são responsáveis pela sua existência e reprodução enquanto tradição. No caso da Igreja Católica, a disputa pelo território remonta a sua própria história já que por muito tempo a mesma seguiu como religião única no país.

Ainda segundo Rozhental (2005) a territorialidade da Igreja Católica é complexa. A sua história no Brasil revela a permanência de antigas divisões administrativas herdadas de uma tradição oriunda da Idade Média e ainda adotadas pela Igreja Católica (Sack, 1986). Tais territórios foram modificados ao longo dos séculos.

Em entrevistas com moradores do município de Maragogipe durante a festa de São Bartolomeu no ano 2011 foi possível perceber que para alguns os católicos são os principais organizadores do culto a São Bartolomeu. Para os entrevistados, o fato da festa começar na Igreja a torna essencialmente católica, não havendo espaço para nenhuma outra religião.

Contudo, outros moradores reconhecem a presença dos adeptos do candomblé e acreditam que os mesmos possuem seu espaço ainda que de forma minoritária, ressaltando que a região do Recôncavo é caracterizada essencialmente pela cultura do candomblé.

Outra questão pontuada pelos entrevistados é que atualmente a festa possui um caráter mais profano que sagrado, uma vez que bandas são contratadas pelo governo municipal para promover o entretenimento dos moradores e dos turistas, ao invés das tradicionais fanfarras.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

## Considerações Finais

Enquanto momentos de comemoração as festas criam espaços de manutenção de tradições e de participação e convivialidade entre os sujeitos que delas participam.

Segundo Amaral (1998) a festa é capaz de celebrar, ironizar, sacralizar a experiência social e também pessoal. É capaz ainda de resolver, ao menos no plano simbólico, contradições da vida social, apontando para um mediador entre as estruturas econômicas. Na festa as diferenças são compartilhadas e vivenciadas de forma coletiva.

No caso das festas de largo, o sagrado e o profano convivem lado a lado e as caracterizam. O culto começa na Igreja e tem a rua como sua extensão. A festa de São Bartolomeu caracteriza-se pela presença de vários grupos religiosos que a organizam e vivenciam. De um lado os católicos que pleiteiam o posto de organizadores oficiais no que cerne ao culto religioso e de outro os adeptos do candomblé.

Tais grupos disputam o espaço da festa formando territórios próprios pautados nos símbolos, significados e intencionalidades particulares de cada religião, o que torna a festa essencialmente multicultural. De maneira geral, a festa é acontece até hoje justamente pela união de tantos adeptos do santo padroeiro independente da religião que cada um segue. Ainda que o profano tenha grande espaço e seja responsável por uma possível descaracterização do sentido inicial da festa a fé é a principal responsável pela manutenção do festejo enquanto tradição religiosa no município de Maragójepe.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, R. de C. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”.

Tese de doutorado do Departamento de Antropologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1998.

AMARAL, R. de C. **Sentidos da festa à brasileira**. Disponível em:

<[http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita\\_Amaral.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm)>. Acesso em: 05 de outubro de 2010.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Ed. Brasiliense, 1983.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Edson Dias. **Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia: São Salvador**. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado (Doutoramento em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FERREIRA, L. D. M. e. **Festas religiosas**: uma manifestação cultural de Mariana. Ouro Preto ETFOP, 2009.
- FIGUEIREDO, C. M. F. Festa e urbanidade em Mariana no século XVIII: a relação entre as festas e a organização da vida urbana. In: **Revista do IFAC**. Ouro Preto, UFOP, Nº 2, 1995, p. 62-67.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LOBATO, Roberto. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 169-190.
- QUEIROZ, Lúcia Aquino de; SOUZA, Regina Celeste Almeida. **Caminhos do Recôncavo**: proposições de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo Baiano. Salvador: Presscollor, 2009.
- ROSENDHAL, Z. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. - Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. Pp. 59 – 97.
- SERRA, Ordep. **Rumores de Festa. O sagrado e o profano na Bahia**. Salvador, Edufba, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrólis: Vozes, 2003.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduanda em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Pós graduando em Dinâmica Territorial e SocioAmbiental do Espaço Baiano pela Universidade Estadual de Feira de Santana.